

A NOVA DIREITA MAGA

ANTECEDENTES, IDEIAS E PROTAGONISTAS

DA CORRENTE «PÓS-LIBERAL»¹

Filipe Nunes

INTRODUÇÃO

A história mostra-nos que a saúde das democracias liberais depende muito da lealdade institucional e do compromisso constitucional dos partidos conservadores. Afinal de contas, estes são habitualmente os representantes políticos das classes privilegiadas e dos detentores dos meios de produção económica e difusão cultural.

Vemos isso na comparação que Ziblatt (2017) faz entre os percursos dos conservadores britânicos e alemães no período entreguerras: se os primeiros se blindaram contra as derivas autoritárias, os segundos acabaram devorados por elas.

Capoccia (2005), por seu lado, através da análise dos poucos casos de sobrevivência das democracias no período entreguerras (Checoslováquia, Finlândia, Bélgica), também conclui que o isolamento da extrema-direita e o afastamento da direita conservadora em relação às tentações da radicalização foram decisivos para evitar ali o colapso verificado nas restantes democracias europeias.

Num tempo marcado pela autocratização (V-Dem, 2025), justifica-se plenamente uma atenção redobrada em relação à evolução ideológica do campo político conservador, em especial na mais antiga e poderosa república democrática liberal do mundo, os Estados Unidos da América (EUA).

Deste ponto de vista, devemos começar por reconhecer que o taticismo transaccional atribuído à liderança Trump não deve servir para obscurecer a coerência da sua estratégia ideológica.

RESUMO

As táticas ditas «transacionais» da Administração Trump obscurecem a sua estratégia ideológica. No seio da coligação de Trump, existe hoje um sector católico iliberal forte e influente, cujas tradições ideológicas e intelectuais são muito mais europeias do que americanas. O que assistimos com esta nova direita «pós-liberal» americana não é uma importação da democracia cristã do pós-guerra, com a sua tradição antifascista, mas antes uma versão atualizada do ramo dominante no catolicismo político do período entreguerras, que, como bem sabemos no sul da Europa, pouco deve à «democracia» e menos ainda ao «liberalismo político». Este artigo mapeia essas raízes mas também os principais intelectuais públicos da ala católica do movimento MAGA, analisando igualmente os seus potenciais impactos na vida política americana.

Palavras-chave: pós-liberalismo, conservadorismo, catolicismo político, contraelite.

ABSTRACT

THE NEW MAGA RIGHT: ROOTS, IDEAS, AND LEADING FIGURES OF THE 'POST-LIBERAL' MOVEMENT



The Trump administration's so-called 'transactional' tactics obscure its underlying ideological strategy. Within Trump's coalition, a strong and influential illiberal Catholic sector has emerged. This sector's ideological and intellectual traditions are far more European than American. With this new American 'post-liberal' right, we are not witnessing an importation of postwar Christian democracy with its anti-fascist tradition. Rather, we are seeing an updated version of the dominant branch of political Catholicism from the interwar period. As we in Southern Europe know well, this branch owes little to 'democracy' and even less to 'political liberalism'. This article maps the roots of this movement and its main public intellectuals, as well as their potential impact on American political life.

Keywords: post-liberalism, conservatism, political Catholicism, counter-elite.

No seio da coligação republicana existe hoje um sector católico iliberal forte e influente, cujas tradições ideológicas e intelectuais são muito mais familiares às direitas europeias do que às anglo-saxónicas: anti-individualismo liberal, reforço do poder executivo e defesa do protecionismo económico.

O que assistimos com a emergência da nova direita «pós-liberal» americana não é uma importação da democracia cristã do pós-guerra, com a sua legitimidade antifascista, mas antes uma reinvenção do ramo dominante da democracia cristã europeia no período entreguerras que, como bem sabemos em Portugal, pouco devia à ideia de «democracia» e muito menos ao «liberalismo político».

Pretende-se, assim, mapear os antecedentes, mas também os principais intelectuais públicos deste novo movimento de ideias nos EUA, identificando as suas principais linhas programáticas e a formação de uma contra elite própria.

Nesse sentido, começaremos por ver a composição da coligação de correntes políticas que se reuniu em torno de Trump; seguidamente identificaremos os referidos

antecedentes e os principais intelectuais públicos que protagonizam a autointitulada corrente pós-liberal; finalmente, procuramos os primeiros sinais da influência destas ideias nas políticas públicas desta nova direita, mas também, mais genericamente, nos sistemas políticos democráticos.

UM NOVO «FUSIONISMO»

De Goldwater e Reagan a George W. Bush, a coligação republicana assentou num compromisso entre conservadores fiscais (neoliberais), neoconservadores (adeptos de intervenções externas anticomunistas ou democratizadoras) e conservadores sociais (dominados pela direita evangélica).

As duas primeiras correntes não desapareceram completamente, mas saíram enfraquecidas com o fim da Guerra Fria (e da ameaça comunista) e especialmente com os impactos da crise financeira de 2008 e das intervenções externas que marcaram a primeira década deste século.

O Partido Republicano é hoje dominado por uma corrente principal: o chamado movimento Make America Great Again (MAGA), nacionalista, isolacionista (política «America first»), populista e protecionista (fronteiras fechadas à imigração, barreiras alfandegárias), a que se junta um novo libertarismo tecnológico (muito referido a propósito de Elon Musk, Sam Altman ou Peter Thiel) e o velho conservadorismo social evangélico, o grande perdedor da anterior coligação, que não soube travar a evolução

dos direitos dos homossexuais, do divórcio e do aborto nos EUA (e que se sente vingado pelas nomeações de Trump para o Supremo Tribunal).

O velho fusionismo teorizado por William Buckley deu lugar a este novo fusionismo ideológico (Continetti, 2023). A nova coligação política republicana já provocou um profundo realinhamento eleitoral nos EUA: o GOP (Grand Old Party) é hoje o grande partido das classes populares.

Observamos, aliás, o mesmo tipo de realinhamento um pouco por todo o mundo ocidental (Piketty et al., 2021). Neste aspecto, assiste-se a uma convergência de tendências dos dois lados do Atlântico: ao mesmo tempo que os sucessos da globalização geram uma «americanização» das sociedades europeias (Fourquet, 2020), os seus insucessos vêm acompanhados de uma inesperada «europeização ideológica» da política americana, um fenómeno que se observa à direita, mas que também já começa a ter as suas manifestações à esquerda.

Durante muito tempo a ciência política debateu-se com a célebre questão lançada por Sombart: por que não há socialismo na América? Ora, esse socialismo parece estar finalmente a aparecer do outro lado do Atlântico, com figuras de relevo do campo democrata, como Bernie Sanders, Alexandria Ocasio-Cortez ou, mais recentemente, Zohran Mamdani, a reconhecerem-se no socialismo democrático.

À direita, o nacionalismo conservador e o nacional-populismo são hoje as correntes ideológicas dominantes na nova direita MAGA (Field, 2025). A experiência de Orbán na Hungria foi aliás referida por Kevin Roberts, presidente da influente Heritage Foundation, não apenas como um modelo, mas como o modelo para a nova Administração republicana (The Guardian, 2025).

Esta nova direita «pós-liberal» é precisamente o foco do presente artigo.

NA CABEÇA DE JD VANCE

JD Vance é o mais destacado representante desta corrente ideológica da nova direita MAGA, autointitulada de «pós-liberal» e apelidada por Ian Buruma de «catolicismo MAGA» (Buruma, 2025; Illing, 2025). Além de se ter convertido ao catolicismo, JD Vance converteu-se também ao «trumpismo».

No momento em que foi escolhido por Trump para se juntar ao ticket presidencial, o site Politico dedicou-lhe um perfil desenvolvido que identificava um conjunto de influências intelectuais essenciais para perceber a sua visão do mundo: entre eles, dois nomes que nos vão acompanhar aqui – Patrick Deneen e Adrian Vermeule, referências do novo pensamento católico conservador (Politico, 2024).

De Patrick Deneen, e a propósito do seu mais recente livro (Deneen, 2023), escreveu-se no Osservatore Romano (2025) tratar-se «sem dúvida do mais sério e interessante dos intelectuais de Trump».

Na contracapa do mesmo livro podemos ler a recomendação do próprio JD Vance: o autor «articula uma visão para uma política populista que pode reconstruir aquilo que foi destruído» (Dennen, 2023)².

Aos católicos Deneen e Vermeule vale a pena juntar outro nome, Oren Cass, cujas palavras parecem ter sido quase tão importantes para a conversão de JD Vance como as de Santo Agostinho:

As palavras de Santo Agostinho ecoaram [...] articulando uma verdade que eu sentia há muito tempo [...]. Pouco depois de ler estas palavras pela primeira vez, o meu amigo Oren Cass publicou um livro argumentando que os decisores políticos americanos se concentraram demasiado na promoção do consumo em detrimento do bem-estar [...]. Se as pessoas morrem mais cedo num contexto de níveis historicamente elevados de consumo, então talvez o nosso foco no consumo esteja errado. (Vance, 2020)

Vance, recorde-se, entrou com estrondo na última campanha presidencial americana. Poucos dias depois de ter sido anunciado como candidato a vice-presidente, lamentou

VANCE, RECORDE-SE, ENTROU COM ESTRONDO NA ÚLTIMA CAMPANHA PRESIDENCIAL AMERICANA. POUCOS DIAS DEPOIS DE TER SIDO ANUNCIADO COMO CANDIDATO A VICE-PRESIDENTE, LAMENTOU QUE OS EUA ESTIVESSEM A SER GOVERNADOS POR «CHILDLESS CAT LADIES».

que os EUA estivessem a ser governados por «childless cat ladies».

Do lado democrata, a resposta mais viral veio do governador Mike Walz, apelidando esta visão acerca do papel das mulheres e das escolhas individuais como *weird* (esquisita), o que lhe terá valido como critério de entrada no ticket presidencial democrata.

Esta visão do mundo de JD Vance pode parecer de facto estranha, ou mesmo «esquisita», para a tradição liberal clássica (individualista) que fundou a democracia americana, o chão comum que, no essencial, sempre uniu democratas e republicanos em torno dos valores da liberdade religiosa, da liberdade de expressão e da liberdade económica. Mas vista a partir da Europa de influência católica, esta visão do mundo é tudo menos estranha e, muito menos, «nova».

O «novo» conservadorismo católico americano retoma a velha visão antiliberal da doutrina social de Leão XIII⁹, que viria a marcar o conservadorismo católico da primeira metade do século XX, protagonizado por líderes como Dollfuss ou Oliveira Salazar.

UMA NOVA DIREITA «PÓS-LIBERAL»

O reconhecimento da origem liberal da democracia americana não é consensual nos teóricos desta nova direita americana, nomeadamente para o burkeano Yoram Hazony (Continetti, 2023). Contudo, é algo claramente assumido por Patrick Deneen, que se socorre de Madison e Hamilton para concluir que

apesar de todas as diferenças, o que é notavelmente similar em relação aos pensadores liberais da Era da Fundação e em relação aos principais pensadores da Era Progressista são os esforços semelhantes para ampliar a órbita ou o alcance do governo nacional

concomitante com os aumentos da escala da ordem económica americana. (Deneen, 2019, p. 157)

Deneen propõe uma rutura com esta herança. Demarca-se da visão contratualista (de Hobbes e Locke) que fundou o Estado moderno e, ao contrário do que tem sido habitual no conservadorismo anglo-saxónico, afasta-se por inteiro da herança iluminista, seja ela de origem francesa ou escocesa.

Deneen condena mesmo, como origem dos males modernos, «a viragem falsa que o liberalismo fez na sua imposição de uma remodelação ideológica do mundo à imagem de uma falsa antropologia» (Deneen, 2019, p. 34).

Esta teoria política pode ser pouco habitual na direita americana *mainstream*, mas na Europa católica está de facto longe de ser desconhecida. Oliveira Salazar, católico conservador de outro tempo, subscrevia precisamente esta tese da «falsidade antropológica» do liberalismo:

O liberalismo do século XIX criou o «cidadão», indivíduo desmembrado da família, da classe, da profissão, do meio cultural, da coletividade económica a que pertence [...]. Estamos em presença de uma abstracção [...] e é indo para os grupos naturais necessários à vida individual [...] que certamente encontraremos o ponto de apoio que precisamos. (Salazar, 1999 [1937], pp. 58-59)

No mesmo sentido ia o seu companheiro de militância católica em Coimbra, Manuel Gonçalves Cerejeira, cardeal patriarca de Lisboa, que enquanto recorria à direita radical francesa (no caso Léon Daudet) para zurzir no «estúpido século XIX», condenava o individualismo e a laicização que via nascer nas sociedades modernas: «o homem, abandonado às suas próprias forças, por mais elevado que seja o grau de civilização, não se basta a si mesmo – nem para resolver o problema do seu destino, nem para viver dignamente como Homem» (Cerejeira, 1935, pp. 361-362).

A «CRISE DE LEGITIMIDADE» DA DEMOCRACIA LIBERAL

«A democracia liberal entrou numa crise de legitimidade [...]. Não cumpriu as suas promessas de crescimento, desiludindo cada vez mais pessoas que se mobilizam e protestam», afirma Deneen na sequência do Brexit e da primeira eleição de Trump (Deneen, 2019, p. 9).

Esta ideia de uma crise de legitimação do capitalismo liberal não é nova; já a encontramos teorizada, por exemplo, em Jürgen Habermas (1975).

Tal como Habermas (e Marx antes dele), Deneen parece acreditar que as contradições internas do liberalismo acabarão por conduzi-lo ao colapso. E tal como Habermas, Deneen antecipa como alternativa (indesejada) o cenário de uma deriva autoritária que o filósofo alemão queria evitar com a sua democracia pós-liberal participativa e cosmopolita.

Deneen compreende que seja «difícil que se pense na probabilidade de que a maior ameaça atual ao liberalismo não está fora ou para lá do liberalismo mas no seu interior» (Deneen, 2019, p. 41). Mas, segundo ele, é exatamente isso que está a acontecer, à medida que o liberalismo vai destruindo as tradições religiosas, comunitárias e familiares pré-liberais. E haverá cada vez mais gente a perceber isso, a começar possivelmente por JD Vance que, na Conferência de Segurança de Munique de 2025, alertava os aliados europeus precisamente para uma ameaça vinda do interior.

Também a este propósito podemos voltar à resposta católica conservadora perante a anterior crise do liberalismo, bem como às palavras de dois dos seus mais ilustres representantes em Portugal.

Então, como agora, parecia evidente para muitos que o liberalismo estava a viver os seus últimos dias, vítima das suas próprias contradições. As crises cíclicas do capita-

ENTÃO, COMO AGORA, PARECIA EVIDENTE
PARA MUITOS QUE O LIBERALISMO ESTAVA
A VIVER OS SEUS ÚLTIMOS DIAS,
VÍTIMA DAS SUAS PRÓPRIAS CONTRADIÇÕES.

lismo liberal têm vindo associadas ao tema da «decadência do ocidente»⁴ e a apelos ao regresso a um passado mítico de ordem e prosperidade.

Em 1925, nas vésperas do golpe que viria a vitimar a República parlamentar portu-

guesa, Salazar deixava o alerta: «os regimes políticos ou deixam absorver o que há de bom, de tradicional, de firme, de constitutivo na alma dos povos, ou ficam-lhes tão estranhos e superficiais que não há como manterem-se» (Salazar, 1997, p. 229).

Cinco anos depois era a vez de Cerejeira avisar que «[a] nossa civilização está em perigo. Não há princípio superior que não tenha sido posto em dúvida. Não é só a ordem cristã que é combatida, é também a ordem social. É um facto que o progresso moral não é função do progresso material» (Cerejeira, 1935, p. 359).

REALINHAMENTO TÁTICO

Na teoria política de Patrick Deneen ecoa de facto a doutrina consagrada na Encíclica *Rerum Novarum* (1891) de Leão XIII, bastante lembrada nos tempos mais recentes, por ocasião da eleição do novo Papa.

Mas ao contrário do que por vezes se sugeriu a propósito do nome adotado pelo novo Papa (Leão XIV), essa encíclica não representou uma adesão da Igreja às instituições e aos valores da modernidade, mas antes (como não poderia deixar de ser) uma adaptação tática perante os sérios desafios colocados pelo advento do Estado liberal e pelas ameaças revolucionárias do socialismo.

Tal como Leão XIII, Deneen também identifica a liberdade religiosa, historicamente protegida pelo liberalismo, como o primeiro passo para o imparável crescimento da intervenção do Estado na promoção (e proteção) dos direitos individuais e da economia de mercado, à custa das famílias, dos trabalhadores e das suas comunidades⁵.

Contra as consequências do capitalismo liberal e as ameaças revolucionárias do socialismo, Leão XIII incentivou o surgimento de uma terceira via corporativista que viria a inspirar vários regimes autoritários no período entreguerras (entre os quais o «Estado Novo» português) (Pinto, 1995): a conciliação de classes (por oposição à luta de classes e à exploração de classes); o trabalho digno através dos direitos laborais e sindicais; a prosperidade partilhada e os salários justos; bem como a proteção dos pobres e dos mais vulneráveis, no respeito pela família nuclear tradicional e pelos direitos (e deveres) associados à propriedade privada.

E para pôr estes princípios em ação, a Igreja Católica rompeu com o seu tradicional afastamento da participação nas instituições políticas liberais, fundando ou apoiando associações, imprensa, bancos, sindicatos e centros políticos.

Foi a chamada política do *ralliement* que teve direito a encíclica própria, excecionalmente escrita em francês (durante a III República francesa): a ideia de que os católicos deviam intervir na vida social e política e assim influenciar as instituições políticas por dentro, enquanto católicos, mesmo em regimes republicanos como o francês.

A questão da natureza do regime político (republicano ou monárquico, liberal ou autoritário) passava a ser secundária para um altar historicamente aliado ao trono; a partir de então, o que importava era preservar os valores e os interesses do catolicismo no interior do regime político, qualquer regime, através da formação e recrutamento de elites e de um catolicismo social e político militante.

É certo que esta secundarização da questão do regime (nomeadamente da questão monárquica) por parte da Igreja Católica acabará por vir a facilitar a convergência entre monárquicos e republicanos em torno de mudanças políticas autoritárias. Mas até aos anos 20 do século XX essa via autoritária-fascista ainda estava na infância, só se tornando mais generalizada a partir dos anos 30, quando a intensificação da crise económica e política do liberalismo gera um clima de guerra civil ideológica que parece não deixar ao catolicismo político dominante nenhuma via autónoma no confronto entre fascismo e comunismo (Chappel, 2018).

Neste sentido, Patrick Deneen reitera que o seu projeto teórico não implica uma mudança autoritária nas instituições políticas, ou um regresso a formas de organização política pré-liberais, o que seria porventura mais disruptivo ainda do que os efeitos perversos do liberalismo.

O *Regime* de que fala Deneen (2023) deve ser entendido, assim, no sentido cultural e económico do termo, e a sua mudança concretizada através da renovação de práticas familiares, associativas e locais, (re)nascidas das comunidades, a partir das quais se formará uma contraelite (alternativa à elite liberal/tecnocrática) portadora de uma contracultura capaz de reorientar as instituições do Estado e da sociedade em nome do «bem comum»⁶.

Ficou sempre em aberto (*et pour cause*) a questão de saber o que pretendia exatamente Leão XIII com a estratégia do *ralliement*: se um compromisso com as instituições liberais,

ao estilo do que se veio a verificar com a democracia cristã do pós-guerra; se uma reorientação iliberal das instituições políticas a partir da sua ocupação por uma nova elite sintonizada com os valores e interesses do catolicismo social. Tudo leva a crer que a segunda hipótese é a mais provável (Vermeule, 2018b).

O mesmo se pode dizer da ambiguidade política de Deneen. Mas sobre isto é importante notar que, depois do contundente diagnóstico apresentado em 2018, em *Why liberalism failed*, a terapia proposta por Deneen densifica-se um pouco mais em 2023, com *Regime change*, aproximando-se da estratégia de «integration from within» que havia sido defendida por Adrian Vermeule (2018a) justamente em resposta às fragilidades e ambiguidades da proposta inicial de Deneen.

AMÉRICA ILIBERAL

Vale a pena regressar a Oliveira Salazar, não por qualquer obsessão paroquial, mas porque tem sido explicitamente citado como modelo de governação por alguns teóricos desta nova direita americana (Zúquete & Hawley, 2024).

Adrian Vermeule, admirador da crítica de Carl Schmitt à democracia parlamentar, é precisamente um desses teóricos que considera o Estado administrativo de Salazar uma inspiração para todos aqueles que procuram hoje uma alternativa conservadora ao constitucionalismo liberal (Vermeule, 2018a); uma forma de dismantelar o liberalismo a partir de dentro e «garantir que o governante tem o poder necessário para governar bem», infiltrando e reforçando as instituições pré-liberais ainda existentes (a burocracia, as forças armadas e de segurança) em nome de um novo «constitucionalismo do bem comum» (Continetti, 2023, p. 381).

A visão de Salazar sobre o papel executivo do Estado era, de facto, em tudo semelhante a esta que Vermeule defende hoje, tanto na sua prática política como nos seus textos doutrinários: «Não há Estado forte onde o poder executivo não seja também forte, e o

enfraquecimento deste é a característica geral dos regimes políticos dominados pelo liberalismo individualista ou socialista, pelo espírito partidário e pelos excessos e desordens do parlamentarismo» (Salazar, 1991 [1937], p. 56).

E embora a separação entre Estado e Igreja estivesse formalmente assegurada, havia no «Estado Novo» de Salazar uma convergência

de propósitos e uma impregnação do direito público pela doutrina católica que não podia deixar de agradar a Vermeule.

Sempre houve certamente uma tradição iliberal nos EUA, de Andrew Jackson a George Wallace (Hahn, 2024). Sempre houve uma direita isolacionista, que simplesmente foi obrigada a ficar na sombra por causa das ameaças externas que os EUA viveram de

O QUE É TALVEZ REALMENTE NOVO NESTA NOVA DIREITA MAGA É A FORMA COMO CONSEGUIU TORNAR DOMINANTE NO CONSERVADORISMO AMERICANO A SUA FÉ NO PAPEL DO ESTADO E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS ENQUANTO CORRETORES DOS EFEITOS PERVERSOS DO CAPITALISMO LIBERAL.

1941 a 1991. E sempre houve até uma forte presença católica na elite intelectual conservadora americana (Continetti, 2023).

O que é talvez realmente novo nesta nova direita MAGA é a forma como conseguiu tornar dominante no conservadorismo americano a sua fé no papel do Estado e das políticas públicas enquanto corretores dos efeitos perversos do capitalismo liberal, algo comum na direita continental europeia, e até mesmo no Partido Democrata de Roosevelt, mas desde sempre marginal num Partido Republicano norteado pelos valores da liberdade religiosa, económica e política. A cultura política americana teorizada por Tocqueville, desconfiada do Estado central e alimentada pelo associativismo cívico local, pode ainda estar parcialmente presente em Deneen, mas está bastante longe das preocupações de Vermeule.

E se em Vermeule temos a valorização do Estado administrativo, também no populismo económico de Oren Cass temos a valorização do Estado protecionista (Cass, 2020).

Oren Cass, crítico do comércio livre, acredita que na origem dos problemas americanos (patente nas revoltas do Occupy Wall Street e do Tea Party) está a degradação do estatuto da classe trabalhadora americana, resultante da obsessão pela produtividade e o consumo e do desprezo pela coesão social (Continetti, 2023, p. 386).

Também nesta dimensão ecoam as críticas do catolicismo político da primeira metade do século XX ao liberalismo económico, orientadoras do Estado corporativo e do condicionamento industrial. Salazar serve, novamente, de exemplo: «a produção [...] exagerou os consumos artificiais e criou abundantemente necessidades fictícias; daí resulta que, privados ainda daquilo que é estritamente necessário à vida, temos já excessos de produção do supérfluo» (Salazar, 1991 [1937], p. 386).

O discurso antiglobalização, que no início do século XXI encontrávamos apenas nos movimentos da esquerda radical, e esta preocupação com a igualdade e a dignificação do mundo do trabalho – que ainda encontramos em comunitaristas de esquerda como Michael Sandel (2022) –, estão hoje muito mais visíveis à direita, o que talvez explique as fortes incursões eleitorais da nova direita populista nos bastiões tradicionais da esquerda, em praticamente todas as democracias ocidentais (Piketty et al., 2021).

Perry Anderson (2025) explica este fenómeno de transferência de ideias (e de eleitores) da esquerda para a direita pelo facto de a primeira (ao contrário da segunda) não estar a saber lidar com uma das dimensões da globalização: além da financeirização oligárquica, além das desigualdades económicas e sociais, a globalização implica também migrações laborais.

E assim vemos Trump não só a deportar «imigrantes ilegais», mas também a ameaçar com tarifas o comércio internacional e a condenar o consumismo em termos pouco comuns na *land of the free*, fundada na ética protestante (The New York Times, 2025).

E assim vemos também o Vice-Presidente dos EUA, JD Vance (2025), a reconhecer que o mercado não é um fim em si mesmo, e que as suas exigências (de desregulação laboral, de importação de mão-de-obra barata) devem estar subordinadas à vontade política e à coesão social.

De resto, já antes, como senador, Vance havia copatrocinado, ao lado da senadora Elizabeth Warren (da ala esquerda do Partido Democrata) medidas como o alargamento do acesso a proteção social a antigos membros da Guarda Nacional e reservistas, ou a exigência de devolução de prémios salariais a gestores de entidades bancárias cujo colapso comporte riscos sistémicos.

Não surpreende, pois, que este novo conservadorismo comece a abrir brechas no movimento sindical, tradicionalmente afeto ao Partido Democrata, algo que é ilustrado pelo apoio dado a Trump em 2024 pelo dirigente dos Teamsters Sean O'Brian; pelas iniciativas legislativas pró-sindicatos do senador Josh Hawley; ou pela nomeação de Lori Chavez-DeRemer para o cargo de secretária do Trabalho (equivalente a ministra do Trabalho), apoiante de legislação favorável aos sindicatos e oriunda ela própria de uma família de sindicalistas.

UMA CONTRAELITE «PÓS-LIBERAL»

Para se perceber a influência das ideias do chamado «catolicismo MAGA», valerá certamente a pena olhar desde logo para a dimensão da presença de católicos militantes na elite do poder americano.

A contraelite «pós-liberal» preconizada por Deneen e Vermeule parece estar plenamente formada e mobilizada, ao contrário do que sucedeu na primeira Administração Trump. Centremo-nos apenas no seu braço católico, tendo em consideração o foco deste artigo

e a dimensão que este grupo já atingiu.

DE FACTO, NÃO DEIXA DE SER SIGNIFICATIVA A QUANTIDADE (E QUALIDADE) DE CATÓLICOS PRESENTES NA GALÁXIA DO «TRUMPISMO», QUANDO ESTAMOS A FALAR DE UM PAÍS QUE AINDA NO INÍCIO DOS ANOS 80 DO SÉCULO PASSADO NÃO TINHA EMBAIXADA NO VATICANO.

De facto, não deixa de ser significativa a quantidade (e qualidade) de católicos presentes na galáxia do «trumpismo», quando estamos a falar de um país que ainda no início dos anos 80 do século passado não tinha embaixada no Vaticano.

Se no conjunto da sociedade americana os católicos (muitos deles latinos) representam 20% da população (e menos de um quarto é praticante), no todo poderoso Supremo Tribunal os católicos representam 6 dos 9 juízes e, na segunda Administração Trump, constituem um terço dos seus membros, entre os quais Marco Rubio, secretário de Estado, John Ratcliffe, diretor da CIA (Central Intelligence Agency), Linda McMahon, secretária da Educação, Elise Stefanik, embaixadora junto das Nações Unidas, a que poderíamos juntar a escolha para a pasta da Saúde, Robert F. Kennedy Jr., oriundo de uma conhecida família católica.

A escolha para embaixador junto do Vaticano foi, de resto, tudo menos inocente: recaiu em Brian Burch, um dos fundadores do movimento de ativistas católicos CatholicVote.org e apoiante de Trump nas duas últimas eleições presidenciais.

Esse trabalho de ativismo católico conservador no terreno parece estar a dar frutos eleitorais: de acordo com o Pew Research Center (2025), 53% dos americanos católicos identificam-se mais com o Partido Republicano, quatro pontos acima do verificado nas

eleições de 2020 e bastante acima do que era habitual antes da transformação ideológica do partido protagonizada por Trump.

Finalmente, regressando à frente intelectual, importa notar que Patrick Deneen, Adrian Vermeule ou Oren Cass são aqui evidentemente apenas uma amostra ilustrativa de um movimento ultraconservador mais vasto e de forte presença católica⁷, que se manifesta em *think tanks* (Heritage Foundation, America First Policy Institute, Clermont Institute), clubes de ideias (NatCon de Yoram Hazony, ou The Federalist Society, precisamente de Vermeule), ou publicações como *First Things* (de R. R. Reno), *The Postliberal Order* (de Deneen), *Compact Magazine* (de Sohrab Ahmari), *The Josias* (integralista) ou *American Affairs*.

Perguntar-se-á a que se deve este peso do catolicismo no conservadorismo americano, de origem e eleitorado maioritariamente protestante. Roy (2025), por exemplo, explica este fenómeno pela fragmentação das igrejas evangélicas e pela contrastante solidez teológica, intelectual e institucional (presente também no ensino universitário) da Igreja Católica nos EUA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alcance do impacto da Administração Trump na democracia americana só poderá ser avaliado no final do seu mandato, e certamente nunca antes das *midterm elections*. No entanto, ao fim de mais de um ano, parece evidente a tentativa de reforçar o peso do poder executivo (como recomenda Vermeule) em prejuízo dos poderes judiciais, parlamentares e estaduais, visível em diferentes momentos, desde a implementação da política de deportação de imigrantes ilegais à intervenção militar no Irão.

Parece também evidente, e contrário à tradição liberal clássica, o recurso aos instrumentos do Estado administrativo, saneando-o com nomeação de uma contraelite (de novo, defendida por Deneen e Vermeule) e usando-o para promover uma engenharia social e económica com decisões executivas e judiciais (também no Supremo Tribunal os «pós-liberais» estão em maioria), legislação e incentivos políticos, que afetam liberdades várias: dificultar a interrupção voluntária da gravidez e promover a natalidade; reverter os direitos da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, transgénero); reorientar as artes, o ensino e a investigação científica de acordo com propósitos ideológicos conservadores; proteger a indústria americana (em particular a automóvel) através de tarifas, da fiscalidade e da eliminação de regras sanitárias e ambientais.

A sustentabilidade do compromisso entre as agendas do protecionismo MAGA e as do libertarismo tecnológico⁸ permanece uma incógnita. Mas se a coligação no poder se mantiver coesa no fundamental (a sua oposição ao progressismo liberal), não é de excluir um cenário de «trumpismo» duradouro – um trumpismo sem Trump (não faltam possíveis sucessores) ou até mesmo sem o próprio Partido Republicano.

A possibilidade de surgir do lado do Partido Democrata e da social-democracia europeia uma corrente hegemónica «pós-liberal» é bastante real e já começa a ter manifestações

concretas. Basta vermos que 48 congressistas democratas votaram logo em janeiro de 2025 a favor da legislação conducente à deportação de imigrantes ilegais.

Ao mesmo tempo, um relatório recente conduzido pela Fundação Jean Jaurès aponta para a emergência na Europa (na Dinamarca, mas também no Reino Unido) de uma «terceira esquerda pós-societal», isto é, de uma nova governação de centro-esquerda assente numa plataforma política que combina social-democracia clássica na economia (política industrial, investimento público, políticas sociais universalistas, diálogo social tripartido) e um maior conservadorismo nas questões «societais» e em especial no tema da imigração (Fondation Jean Jaurès, 2025).

Margaret Thatcher terá dito uma vez que Tony Blair, trabalhista convertido às virtudes do neoliberalismo, era a sua maior vitória. Porventura um dia, Trump, ou alguém por ele, também poderá dizer que a conversão do centro-esquerda ao «pós-liberalismo» será a sua maior vitória. 

Data de receção: 9 de setembro de 2025 | Data de aprovação: 6 de maio de 2026

Filipe Nunes Investigador do CEI-ISCTE, é professor associado no Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas do ISCTE-IUL. Com experiência no Instituto da Defesa Nacional, no Governo e na Assembleia da República, foi conselheiro técnico principal na Missão de Portugal junto da

ONU em Genebra (2019-2023). Autor de vários artigos científicos sobre elites, política e comportamento eleitoral.

> ISCTE-IUL, Avenida das Forças Armadas, Lisboa, Portugal. | Filipe_Miguel_Nunes@iscte-iul.pt | <https://orcid.org/0000-0001-6153-2981>

NOTAS

¹ Artigo elaborado a partir de uma comunicação apresentada na Transatlantic Studies Association Conference 2025, realizada em Lisboa, no ISCTE, entre os dias 14 e 16 de julho de 2025.

² Salvo indicação em contrário, todas as citações são traduções livres do autor.

³ Deneen (2024) assume-o explicitamente a propósito da ordem política e social que nos propõe.

⁴ Veja-se o sucesso editorial que constituiu há cem anos o livro de Oswald Spengler, precisamente com este título.

⁵ Se para o conservadorismo neoliberal

de Thatcher não existia sociedade (apenas indivíduos, famílias e empresas), para o conservadorismo pós-liberal de Deneen não faz sentido pensar em indivíduos desenraizados das suas comunidades e tradições, pois o ser humano é, por definição, relacional, como nos ensinaram os clássicos, de Aristóteles a Santo Agostinho e São Tomás de Aquino (os verdadeiros mestres de Deneen).

⁶ As semelhanças com a estratégia de poder de Gramsci são evidentes, mas talvez mais do que um gramscianismo de direita, o que há aqui é basicamente uma reedição das já referidas estratégias de resposta ao capitalismo liberal desenhadas pela Igreja Católica no final do século XIX e que tanto inspiraram a própria teoria política de Gramsci.

⁷ Muitos deles recém-convertidos, como acontecia nos círculos mais radicais da direita europeia do princípio do século XX (Charles Maurras ou António Sardinha são apenas dois exemplos mais conhecidos, entre muitos outros).

⁸ No período entre guerras, diferentes coligações autoritárias de direita debateram-se com tensões entre correntes mais corporativistas e outras mais capitalistas, e não foi isso que as derrubou.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, P. (2025). Regime change in the west? *London Review of Books*. <https://www.lrb.co.uk/the-paper/v47/n06/perry-anderson/regime-change-in-the-west>
- Buruma, I. (2025). *A deplorável ascensão do catolicismo*. MAGA. Project Syndicate. <https://www.project-syndicate.org/commentary/rise-maga-catholicism-jd-vance-steve-bannon-by-ian-buruma-2025-05/portuguese>
- Capoccia, G. (2005). *Defending democracy: Reactions to extremism in interwar Europe*. Johns Hopkins University Press.
- Cass, O. (2020). *The once and future worker. A vision for the renewal of work in America*. Encounter Books.
- Cerejeira, G. (1935). *A Igreja e o pensamento contemporâneo*. Coimbra Editora.
- Chappel, J. (2018). *Catholic modern*. Harvard University Press.
- Continetti, M. (2023). *The right: The hundred-year war for American conservatism*. Basic Books.
- Deneen, P. (2019). *Porque está a falhar o liberalismo?* Gradiva.
- Deneen, P. (2023). *Regime change: Toward a postliberal future*. Swift Press.
- Deneen, P. (2024). *Interview with Patrick Deneen*. Furman University. <https://www.furman.edu/academics/tocqueville-program/lectures/interview-with-patrick-deneen-catholicism-democracy-and-the-future-of-political-order/>
- Field, L. K. (2025). *Furious minds: The making of MAGA new right*. Princeton University Press.
- Fondation Jean Jaurès (2025). *La «troisième gauche». Enquête sur le tournant post-sociétal de la gauche européenne*. <https://www.jean-jaures.org/publication/la-troisieme-gauche-enquete-sur-le-tournant-post-societal-de-la-gauche-europeenne/>
- Fourquet, J. (2020). *L'archipel français: Naissance d'une nation multiple et divisée*. Éditions du Seuil.
- Habermas, J. (1975). *Legitimation crisis*. Beacon Press.
- Hahn, S. (2024). *Illiberal America: A history*. W. W. Norton and Company.
- Illing, S. (2025). *So what exactly is the New Right?* The Gray Area. <https://podcasts.apple.com/au/podcast/so-what-exactly-is-the-new-right/id1081584611?i=1000722365331>
- L'Osservatore Romano. (2025). *Chi sono gli intellettuali vicini a Donald Trump*. <https://www.osservatoreromano.va/it/news/2025-03/quo-070/chi-sono-gli-intellettuali-vicini-a-donald-trump.html>
- Pew Research Center (2025). *10 facts about US Catholics*. <https://www.pewresearch.org/short-reads/2025/03/04/10-facts-about-us-catholics/>
- Piketty, T., Amory Gethin, A., & Martínez-Toledano, C. (2021). *Clivages politiques et inégalités sociales, une étude de 50 démocraties (1948-2020)*. Éditions Seuil.
- Pinto, C. (1995). *The Portuguese third way: Salazar's dictatorship and European fascism*. Columbia University Press.
- Politico. (2024). *The seven thinkers and groups that have shaped JD Vance's unusual worldview*. <https://www.politico.com/news/magazine/2024/07/18/jd-vance-world-view-sources-00168984>
- Roy, O. (2025). *Le conclave est un microcosme face au monde* MAGA. <https://www.nouvelobs.com/idees/20250503.OBS103489/le-conclave-est-un-microcosme-face-au-monde-maga.html>
- Salazar, O. 1991 [1937]. *Como se levanta um Estado*. Mobilis in Mobile.
- Salazar, O. (1997). *Inéditos e dispersos*. Bertrand.
- Sandel, M. (2022). *A tirania do mérito*. Presença.
- The Guardian. (2025). *In a real sense US democracy has died – how Trump is emulating Orbán's Hungary*. <https://www.theguardian.com/us-news/2025/feb/07/trump-viktor-orban-electoral-autocracy>
- The New York Times. (2025). *Trump, on tariffs, says «Maybe the children will have 2 dolls instead of 30»*. <https://www.nytimes.com/2025/04/30/us/politics/trump-tariffs-dolls-comment.html>
- Vance, J. D. (2020). *Why I joined the resistance*. The Lamp. <https://thelampmagazine.com/blog/how-i-joined-the-resistance>
- Vance, J. D. (2025). *A conversation with Vice President Vance*. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2025/05/22/podcasts/the-daily/vice-president-vance-pope-politics.html>
- V-Dem (2025). *Relatório da democracia 2025*. V-DEM Centro Regional da Europa do Sul. https://www.v-dem.net/documents/63/V-DemDemocracyReport_portuguese_2025_lowres.pdf
- Vermeule, A. (2018a). *Integration from within*. *American Affairs*. <https://americanaffairs-journal.org/2018/02/integration-from-within/>
- Vermeule, A. (2018b). *Ralliement – Two distinctions*. The Josias. <https://thejosias.com/2018/03/16/ralliement-two-distinctions/>
- Ziblatt, D. (2017). *Conservative parties and the birth of democracy*. Cambridge University Press.
- Zúquete, J. P., & Hawley G. (2024). *Iberian vistas: Franco, Salazar, and American conservatives*. *Political Studies Review*, 23 (4), 977-993. <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/14789299241280469>